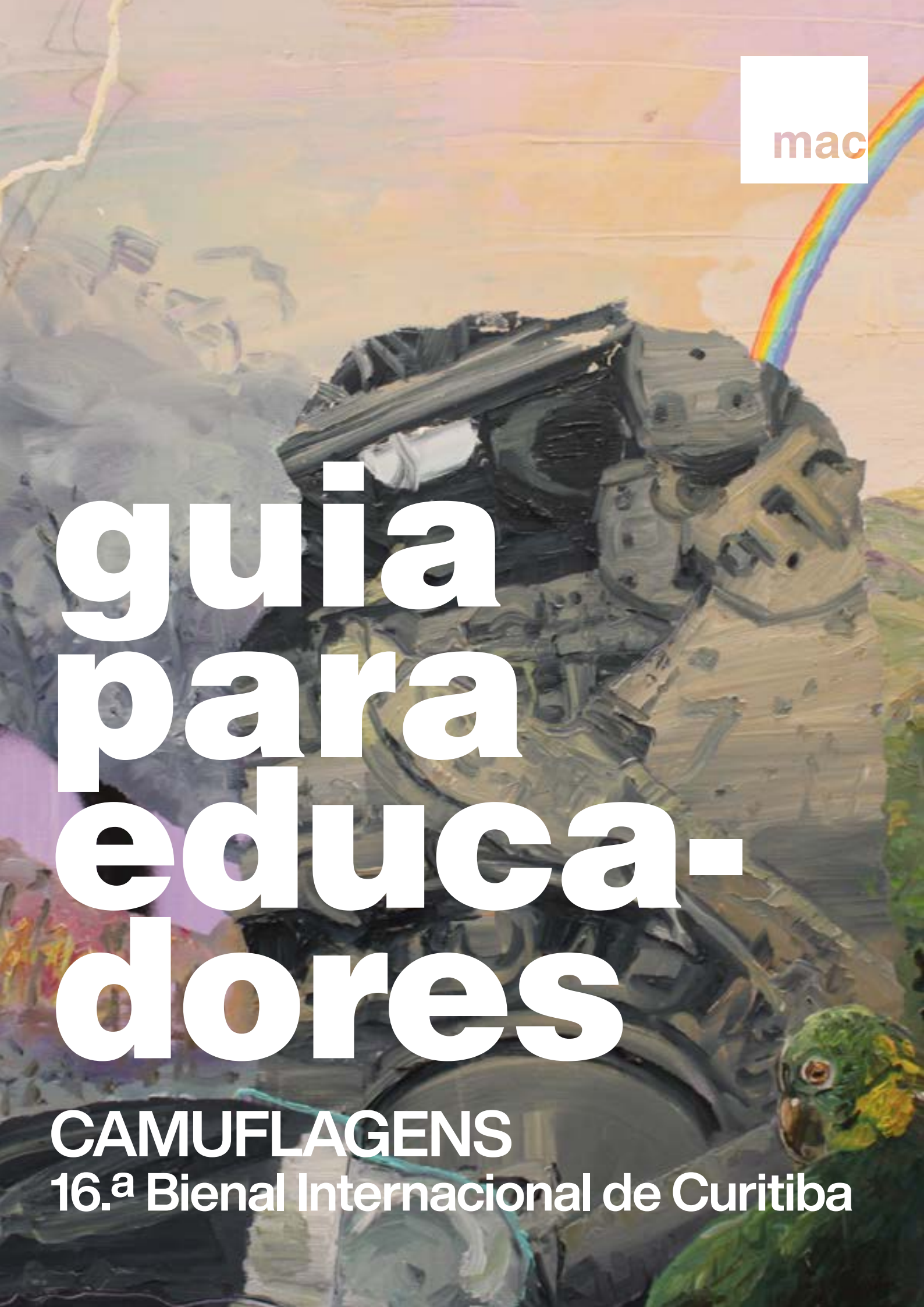


mac

guia para educa-dores

CAMUFLAGENS
16.ª Bienal Internacional de Curitiba

conheça o MAC Paraná

O Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC Paraná) foi fundado em 1970 com a finalidade de estimular e divulgar a criação artística contemporânea, além de abrigar e preservar um acervo de arte com cerca de 2.000 obras pertencentes ao Estado. Desde então, realiza mostras do acervo e exposições individuais e coletivas de artistas contemporâneos.

Sua sede própria, um prédio de estilo eclético construído em 1928 e tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, está passando por obras de restauro e reforma. Durante este período, o MAC Paraná está funcionando nas dependências do Museu Oscar Niemeyer (MON) e na Sede Adalice Araújo, no hall da Secretaria de Estado da Cultura.

Exposições e eventos do MAC Paraná ocorrem nas salas 8 e 9 do MON; o Setor de Documentação e Pesquisa, aberto para atendimento ao pesquisador de arte, está funcionando ao lado da sala 10, no subsolo.

índice

Conheça o MAC Paraná 5

Como utilizar este material 9

O que é arte contemporânea? 10

Mapa expográfico da exposição 14

16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA 19

Obras 26

Atividades 94

Visite o MAC 104

Como chegar ao MAC no MON 106

Como chegar à Sede Adalice Araújo 108



como utilizar este material

O Guia para Educadores constitui um material desenvolvido especialmente para professores, com o objetivo de auxiliar o trabalho pedagógico de interessados em abordar as exposições do museu.

Nele, você encontrará informações sobre as exposições do MAC Paraná e algumas formas de introduzir ou trabalhar a exposição com a sua turma. Além disso, são propostas diversas atividades, oficinas e dinâmicas que estabelecem conexões entre a exposição e as práticas educativas. Desse modo, você pode utilizar uma das atividades propostas ou todas elas.

É possível adaptar ao seu trabalho pedagógico, podendo adicionar ou subtrair ideias livremente.

o que é a arte contemporânea?

Em seu sentido mais simples e direto, o termo arte contemporânea se refere às expressões artísticas (ou seja, pintura, escultura, fotografia, instalação, performance, videoarte etc.) produzidas nos tempos atuais. Embora essa definição aparentemente seja simples, os detalhes em torno dela são muitas vezes confusos, pois as interpretações de "atual" variam bastante. Portanto, o ponto de partida exato desse gênero ainda é muito debatido. No entanto, alguns historiadores da arte consideram o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da pop art (ARCHER, 1997) como uma estimativa adequada para o início do período chamado de arte contemporânea.

Analisando as produções desse período, podemos observar que a arte contemporânea reflete nas suas produções as questões complexas que moldam nosso mundo, que está sempre passando por inúmeras mudanças, tanto sociais quanto políticas. Por meio de seu trabalho, muitos artistas contemporâneos exploram a identidade pessoal ou cultural, oferecem críticas às estruturas sociais e institucionais, ou mesmo tentam redefinir o conceito de arte. Nesse processo, geralmente são levantadas questões complexas e instigantes, que raramente apresentam respostas fáceis. Ter curiosidade, mente aberta e compromisso com o diálogo e o debate são as melhores ferramentas para você abordar a arte contemporânea!

Quais são as principais características da arte contemporânea?

A arte contemporânea é um campo vasto e dinâmico, e suas características variam amplamente, pois envolve práticas criativas de artistas de todo o mundo. No entanto, algumas das principais características da arte contemporânea incluem:

- Diversidade de meios e técnicas: a arte contemporânea não se limita a técnicas tradicionais como pintura ou escultura. Artistas exploram uma variedade de meios, incluindo fotografia, vídeo, instalações, arte digital, performance, arte de rua, entre outros;

- Experimentação: há uma ênfase na experimentação com novos materiais, tecnologias e formas de expressão. Os artistas contemporâneos buscam constantemente quebrar fronteiras e explorar novos conceitos e linguagens;

- Interatividade e participação: muitas vezes, a arte contemporânea convida o espectador a se envolver ativamente com a obra, seja física ou emocionalmente. A interação com o público é uma forma importante de o artista explorar o significado e o impacto;

- Reflexão sobre a sociedade e questões sociais: a arte contemporânea frequentemente aborda temas como identidade, política, globalização, questões de gênero, etnia, meio ambiente e desigualdade social. O trabalho dos artistas é muitas vezes uma reflexão crítica sobre o mundo atual;

- Subversão e desconstrução de tradições: artistas contemporâneos frequentemente questionam e desafiam as normas estéticas e culturais estabelecidas. Eles podem subverter ou desconstruir estilos e tradições artísticas anteriores para criar algo ou provocar uma reflexão sobre esses valores;

- Globalização e intercâmbio cultural: com a globalização e a conectividade digital, a arte contemporânea tem se tornado cada vez mais multicultural, com artistas se influenciando mutuamente, independentemente de suas origens geográficas;

- Desfoque de fronteiras entre arte e vida: em muitos casos, a arte contemporânea não está mais confinada a galerias e museus. A arte pode ser encontrada em espaços públicos, na rua, ou mesmo no cotidiano, misturando-se com a vida social e política;

- Narrativas subjetivas: muitas vezes, a arte contemporânea valoriza a subjetividade e a experiência pessoal, dando espaço para a interpretação individual. As obras podem ter múltiplos significados, dependendo da percepção de cada espectador.

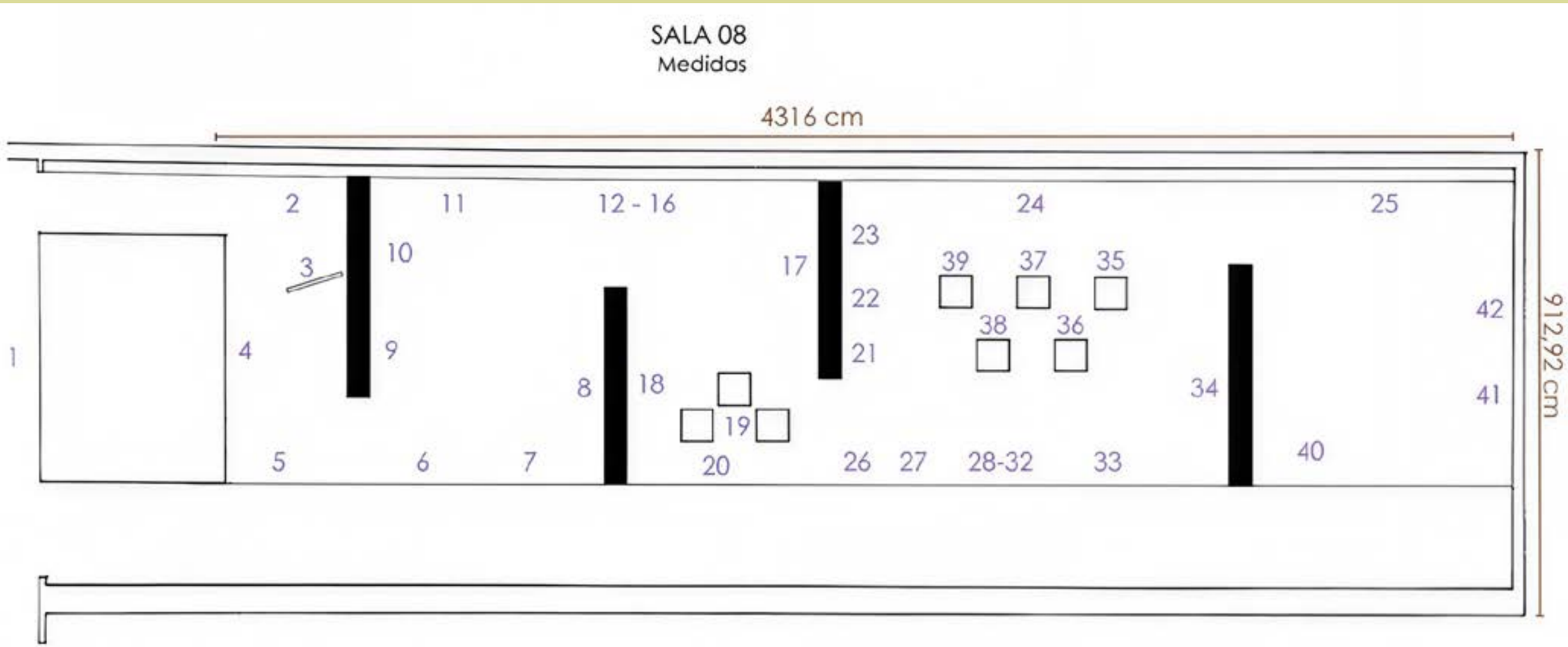
Essas características não são regras rígidas, mas sim tendências e temas recorrentes dentro do movimento da arte contemporânea.

Quais movimentos artísticos ela engloba?

Como vimos anteriormente, por vivermos em um mundo globalizado e onde a troca de informações ocorre a todo o momento, diferentes movimentos foram surgindo dentro do período chamado de arte contemporânea, inicialmente como experimentações, mas que acabaram evoluindo e se tornando um movimento próprio. Abaixo, apresentamos uma lista de alguns desses movimentos, que podem ser encontrados dentro do museu:

- Arte conceitual
- Arte digital
- Arte povera
- Arte urbana
- Body art
- Fotografia
- Hiper-realismo
- Instalação
- Performance
- Pop Art

mapa expográfico



legendas

1. Diego Masi (**Transfluência**, 2026)
2. Ángel Poyón (**Azadones del pueblo (Sí se puede) – Enxadas da aldeia (Sim, nós podemos)**, 2026)
3. Thiago Martins de Melo (**A flecha da terra que liberta a esperança da alma felina**, 2022)
4. Thiago Martins de Melo e Juliana Completar (**RAGE – Reprodutor Autônomo Generalizado de Entropia**, 2026)
5. Thiago Martins de Melo (**Vulvo-crónico, série Chama Negra**, 2024)
6. Levente Sulyok (**Tree without a top**, 2021)
7. Fernando Poyón (**Photograph 1, Photograph 2**, 2026)
8. Javier Calvo Sandí (**Dis**, 2013)
9. Paulo Nazareth (**Sem título, série de Notícias de América**, 2011/2012)
10. Paulo Nazareth e Valmir Cabrera (**ARYPY**, 2015)
11. Glenda Salazar (**Da série Pinturas em Silêncio (As palavras pequenas)**, s.d.)
12. Jason Shulman (**2001: A Space Odyssey,** s.d.)
13. Jason Shulman (**The Rocky Horror Picture Show,** s.d.)
14. Jason Shulman (**You're a Good Man, Charlie Brown**, s.d.)
15. Jason Shulman (**The Wizard of Oz,** s.d.)
16. Jason Shulman (**Dumbo**, s.d.)
17. Fidel Fernández (**Escuela Ñajyrã, da série Con la soja al cuello**, s.d.)
18. Lilian Camelli (**Ñanduti**, 2025)
19. Alejandro Sánchez (**Videodrome**, 2025)
20. Tavin Davis (**All Piled Up**, s.d.)
21. Abel Barroso (**Suenõs a la venta,** s.d.)
22. Gonzalo García (**Telecracia,** s.d.)
23. Daniel Han (**Pacific Colonnade / Flesh Antique / Reframed,** s.d.)
24. Ricky Allman (**Da série Plume,** s.d.)
25. Ricky Allman (**Annunciate/ Repudiate,** s.d.)
26. Regina José Galdino (**Sirena,** 2023)
27. Ledania (**Colombian Mask,** 2026)
28. Barton Lidicé Bene (**Ratoeira do Mickey,** 2002)
29. Barton Lidicé Bene (**Fragmento de gravata de Mark Rothko,** 2011)
30. Barton Lidicé Bene (**Aquarela feita com água da piscina de Dick van Dyke,** 1999)
31. Barton Lidicé Bene (**Madeira usada na construção da casa de O.J. Simpson, localizada no número 360 da Rockingham Street, em Brentwood, Califórnia, que foi demolida em 29 de julho de 1998**, 2000)
32. Barton Lidicé Bene (**Para Brenda,** s.d.)
33. Javier Vanegas (**Ialuna 0.2,** 2022)
34. Mabilón Jiménez (**Retablos ayacuchanos,** s.d.)
35. Julia Isidrez (**Oso hormiguero,** 2024)
36. Julia Isidrez (**Rana con boca abierta,** 2024)
37. Julia Isidrez (**Cantaro,** 1999)
38. Toni Graton (**A onda,** 2023)
39. Toni Graton (**O ínicio,** 2021-2025)
40. Bill Burns (**The milk, the salt, the dreams, the lament, the tears, and the honey – O leite, o sal, os sonhos, o lamento, as lágrimas e o mel,** 2022-2026)
41. Guillermo Srodek-Hart (**Cuarto de Pomba Gira de Pai Alberto Tata,** 2007)
42. Guillermo Srodek-Hart (**Cuarto de Exú – Centro Espírita de Religión Africana Ogún Iansá,** 2007)



16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA

A 16.ª Bienal Internacional de Curitiba parte do conceito LIMIAR, entendido como o espaço entre o que ainda não é e o que já começa a ser. Num mundo marcado pela dissolução das fronteiras entre o humano e o tecnológico, o natural e o artificial, a Bienal propõe-se como um território de transição – um laboratório de escuta, risco e transformação.

Aqui, a arte atua como força mediadora entre mundos, abrindo passagens para novos modos de existência e percepção.

No limiar entre crise e criação, a arte revela sua potência de invenção e sua capacidade de imaginar futuros possíveis.

FONTE: ALMADA, Adriana; ARRUDA, Tereza de. Statement LIMIARES: 16.ª Bienal Internacional de Curitiba. Curitiba: Bienal Internacional de Curitiba, 2026. p. 1. Disponível em: https://www.bienaldecuritiba.org/wp-content/



LIMIARES

Em um mundo atravessado por aceleradas transformações tecnológicas, sociais e ambientais, a 16.ª Bienal Internacional de Curitiba – que acontece entre março e agosto de 2026[1] – propõe-se como um laboratório transdisciplinar de experimentação, onde arte, ciência, tecnologia e pensamento crítico convergem para explorar os desafios da contemporaneidade.

Essa edição tensiona os limites entre produção artística, públicos, pensamento crítico e ação cidadã, investigando os modos de existência híbridos e as fronteiras dissolvidas entre o biológico e o sintético, o humano e o não-humano. São essas zonas de atrito – entre o natural e o artificial, o sensível e o programável – que informam as práticas do porvir e oferecem terreno fértil para a existência estética e emergencial da arte.

Vivemos uma era marcada pela onipresença dos algoritmos, pela ascensão da inteligência artificial e pela supremacia do capitalismo digital. Nesse contexto, a prática artística deixa de ser exclusivamente expressão individual para tornar-se um campo expandido de colaboração entre humanos, máquinas e sistemas inteligentes. O conceito tradicional de autoria é colocado em xeque, abrindo espaço para o artista como programador, mediador ou facilitador de processos algorítmicos.

Como se transforma a experiência estética em tempos de realidades aumentadas, big data e ecologias digitais? A arte, mais do que representar o mundo, torna-se uma interface viva, responsiva e crítica, que questiona os regimes de visualidade e os sistemas de poder que estruturam nosso cotidiano. As linguagens híbridas – que fundem o físico e o virtual, o orgânico e o computacional – expandem os horizontes da sensibilidade e abrem caminhos para novas formas de ativismo, memória e subjetividade.

[1] A 16.ª Bienal Internacional de Curitiba acontece entre junho e novembro de 2026.

Outro eixo fundamental desta edição reside na crítica à neutralidade da tecnologia. A inteligência artificial e os sistemas algorítmicos são moldados por interesses políticos, econômicos e ideológicos. A arte, nesse contexto, emerge como um dispositivo de resistência contra o extrativismo de dados, a vigilância em massa e os mecanismos de controle e desigualdade que operam nos bastidores da era digital. A 16.ª Bienal Internacional de Curitiba convoca artistas, pesquisadores, cientistas, tecnólogos e ativistas a imaginar futuros possíveis e refletir sobre os impactos da inovação tecnológica nas formas de vida, nas identidades e nas materialidades do mundo contemporâneo. Por meio de instalações imersivas, arte generativa, ambientes interativos, simulações em realidade virtual e práticas pós-humanistas, a Bienal propõe-se a traçar um mapa especulativo das práticas emergentes, colocando em diálogo o local e o global, o corpo e o código, o sensível e o sintético.

O público será convidado a participar de experiências transformadoras, interagindo com obras que reconfiguram os modos de perceber, agir e imaginar. Neste encontro entre arte e tecnopolítica, a Bienal quer ser plataforma de escuta, de invenção e de risco, abrindo brechas no presente para ensaiar formas de coexistência mais justas, conscientes e sensíveis.

Adriana Almada e Tereza de Arruda

Curadoras da 16.ª Bienal Internacional de Curitiba – Limiares

CAMUFLAGENS

Nos tempos contemporâneos “camuflagem” refere-se a um limiar visível entre o que pode ser visto e compreendido e aquilo que escapa à detecção e a percepção. A camuflagem pode servir como um ato de ocultação ou um truque visual que mascara a presença esconde a intenção e aproveita a dinâmica da compreensão e do posicionamento de alguém para obter certas vantagens estratégicas.

Como Salvador Dalí nos lembrou e como vemos com o advento de novas tecnologias, como a inteligência artificial e os NFTs, a verdade e a realidade são, na realidade, apenas montagens de inúmeras e infinitas suposições e “palpites todas contingentes a disposição de outros em ocultar, revelar ou alterar a realidade (ou pelo menos a versão dela que desejam que consumamos). Aquilo que é supostamente real pode ser ridicularizado como “fake news”, ao passo que o que é inautêntico ou fabricado pode com a mesma facilidade, ser aceito como dogma.

Num mundo de colisões caóticas de ideologias, sistemas e tecnologias, por que e para que fins a camuflagem influencia nossas percepções e confiança na realidade democracia, caráter e integridade? No mundo da arte e da visualidade, o que a arte acaba por mascarar e o que revela? Será que ver constitui, de facto, acreditar – e será que ver conduz automaticamente e a uma compreensão mais profunda de um mundo que muda a um ritmo vertiginoso?

Royce W. Smith

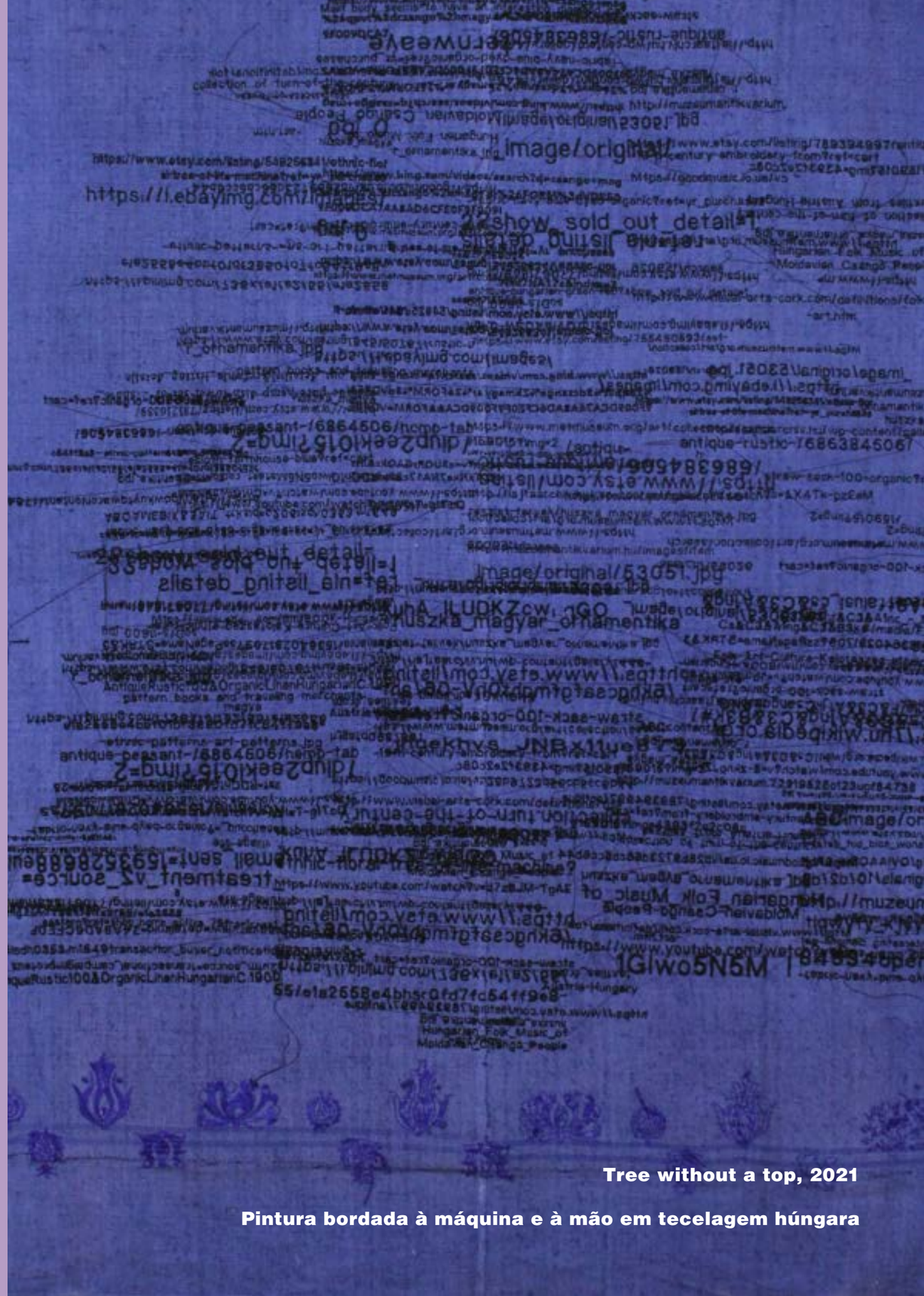
Curador convidado – Camuflagens

Camuflagem é o espaço intermediário que Royce W. Smith habita para percorrer as dualidades do mundo contemporâneo. O que é real e o que não é? O que pertence ao invisível e ao visível? O que é evidente e o que permanece oculto? Em uma sociedade atravessada pela tecnologia, o que pertence ao data center e o que pertence ao artista? O próprio termo carrega essa contradição: a camuflagem, estratégia natural associada à fuga e à proteção, é apropriada pelo meio militar como instrumento de combate.

É nesse território de tensões que a exposição se constrói. Tendo um fio condutor que permeia a América e atravessa por todas as diferentes realidades que se apresentam neste continente diverso, marcado por aproximações, contrastes e camadas que se sobrepõem. Ao mesmo tempo, reflete sobre as formas pelas quais tradição e ancestralidade se camuflam na tecnologia latente do presente.

Setor Educativo MAC Paraná

obras



Tree without a top, 2021

Pintura bordada à máquina e à mão em tecelagem húngara



Transfluência, 2026,

Instalação sonora site-specific. Mala de alumínio intervencionada, 34 alto-falantes, amplificadores, detetores de movimento, cabos de áudio, sistema de reprodução multicanal, 28 pedras de rio e som.

DIEGO MASI

Nascimento: Montevidéu, Uruguai, em 1965
Vive e trabalha em: Montevidéu, Uruguai

"Do interior da mala são reproduzidos sons de aeroportos internacionais, motores, anúncios, deslocamentos e reverberações arquitetônicas, distribuídos por meio de cabos que se ligam a pequenos alto-falantes instalados sobre cada pedra. Em contraste, as rochas emitem sons fluviais e fricção de minerais, remetendo a um deslocamento lento, à sedimentação e à deriva material. O volume baixo dos alto-falantes proposital, obrigando o espectador a aproximar-se fisicamente de cada ponto de emissão para ativar a escuta.

A instalação transforma, assim, o espaço expositivo em uma experiência desacelerada de orientação, proximidade e trânsito. A obra introduz, desse modo, uma leitura política das infraestruturas contemporâneas de circulação, entendendo o trânsito global como um espaço atravessado simultaneamente por conectividade, crises migratórias e estados permanentes de instabilidade humanitária."

"[...] (Estabelecendo) um diálogo conceitual entre transformação, limiar e deslocamento, entendendo o espaço contemporâneo como uma condição permanente de trânsito e mutação."

FONTE: MASI, Diego. Transfluência. Curadoria: Royce W. Smith. Curitiba: Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba, 2026. Portfólio de projeto.



ÁNGEL POYÓN

Nascimento: San Juan Comalapa, Guatemala, em 1976
Vive e trabalha em: San Juan Comalapa, Guatemala

A importância do trabalho e suas contribuições multifacetadas para a economia global são frequentemente ofuscadas pela indiferença geopolítica, pelo tráfico humano desenfreado, pela discriminação persistente e pela pobreza avassaladora. Os desenhos de Ángel Poyón – gravados diretamente nas superfícies polidas e imaculadas de enxadas, frequentemente vendidas nos mercados a céu aberto da Guatemala – servem como lembretes contundentes da importância dos trabalhadores, de sua disposição em resistir a sistemas políticos que muitas vezes desvalorizaram suas contribuições e da natureza fundamental de seu labor para o sucesso da economia global.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).

Azadones del pueblo (Sí se puede) – Enxadas da aldeia (Sim, nós podemos), 2026
Enxadas com gravuras, pintura, verniz

THIAGO MARTINS DE MELO

Nascimento: São Luís, Maranhão, Brasil, em 1981
Vive e trabalha entre: São Paulo, SP, Brasil; São Luís, MA, Brasil e Guadalajara, México

[1]Em colaboração com a artista Juliana Berto, “RAGE” foi criada a partir de uma inteligência artificial open source, operando localmente em seu corpo-estrutura, sem terceirização de seus raciocínios para databases externos, como costumam funcionar os chatbots. Foi alimentada com mais de 300 livros sobre espiritualidade e ocultismo e implementada em um programa que a posiciona como entidade. “RAGE” alucina aforismos para aqueles que reconhecem sua presença e acenam para ela e os materializa em impressão matérica, transitando entre virtualidade e objeto.

[2]O conceito de “Américas” frequentemente oculta histórias e culturas complexas e tensas, às quais não foram conferidas visibilidade nem viabilidade. Este trabalho reconhece as relações ontológicas estabelecidas por povos indígenas, camponeses e tradicionais do Brasil e das Américas – relações que frequentemente têm na terra o tecido conectivo entre ideias e identidades díspares. A flecha, embora ligada a opressões e conquistas coloniais, é também portadora de boas novas: uma força dinâmica que conecta pessoas e espíritos de origens diversas, um ponto de continuidade que viaja de um lugar a outro.

[3]Vulvo-ctônico remete à natureza espiritual e física da feminilidade, associando o corpo feminino aos ciclos lunares, à natureza e ao processo criativo. Ao contrário de muitas interpretações ocidentais da feminilidade – definidas por hierarquias e hegemonias masculinas –, a pintura de Martins de Melo revela a rebeldia do feminino e sua recusa em submeter-se a uma ordem definida pelo homem. A obra abraça a igualdade de gênero e de expressão de gênero, sendo essa paridade uma característica definidora do cosmos contemporâneo.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).

1



[1]RAGE – Reprodutor Autônomo Generalizado de Entropia, 2026

Acrílica sobre resina e fibra de vidro, poliuretano estrutural, ferro, cera, alumínio, monitor de TV 32”, impressora térmica, papel e computador

2





[2]A flecha da terra que liberta a esperança da alma felina, 2022

Óleo e tinta spray sobre juta e sobre tela, ferro, resina, fibra de vidro, arame, correntes, poliuretano estrutural,monitor de tv 32” e animação stopmotion

3



[3]**Vulvo-ctônico, da série Chama Negra**, 2024
Óleo e acrílica sobre juta

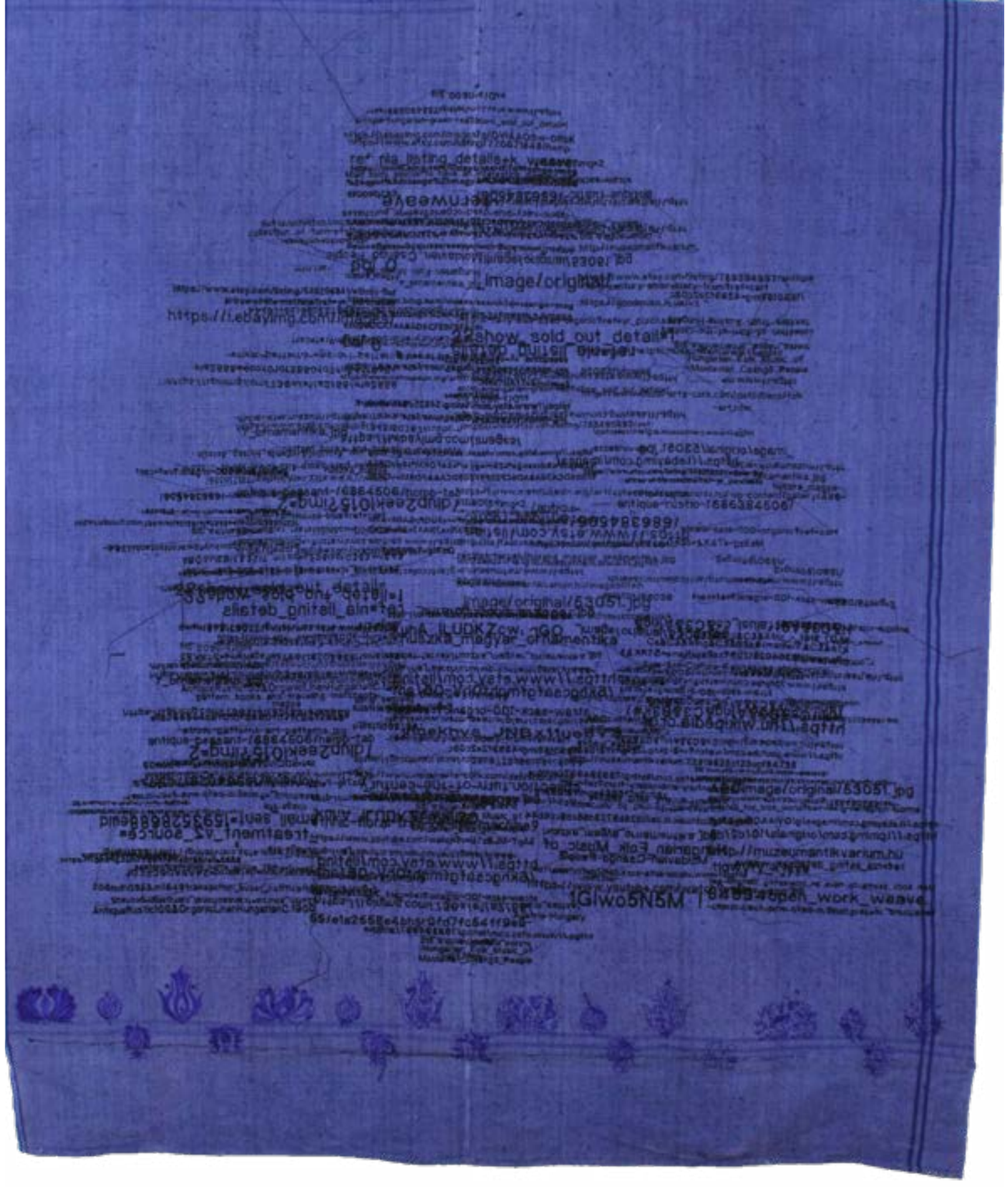
LEVENTE SULYOK

Nascimento: Hungria, em 1973.

Vive e trabalha em: Wichita, Kansas, EUA

Levente Sulyok investiga, em sua obra, as relações entre passado, presente e futuro a partir das transformações das fronteiras culturais e territoriais. Seu trabalho toma como ponto de partida a cultura popular húngara do final do século XIX e início do século XX para refletir sobre nacionalismo, identidade e pertencimento, especialmente após a perda de grande parte do território da Hungria em 1920. Em sua prática artística, o artista reaproveita objetos tradicionais húngaros, como tecidos antigos, sobre os quais aborda padrões de diferentes regiões e incorpora links da internet referentes às suas pesquisas. Dessa forma, discute não apenas as fronteiras geográficas e culturais, mas também a distância entre a cultura digital e a experiência material e vivida. Na obra “Tree without a top”, Sulyok utiliza um tecido húngaro antigo e borda links que representam um ano de pesquisa, organizados na forma de uma árvore. Ao combinar padrões tradicionais da Hungria e da Transilvânia, evidencia como a cultura compartilhada ultrapassa fronteiras políticas. A obra questiona a dependência das informações digitais e contrapõe o conhecimento descontextualizado da internet à experiência concreta preservada nos artefatos tradicionais.

FONTE: SULYOK, Levente. Levente Sulyok. 16.ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba, 2026. Disponível em: https://16bienaldecuritiba.org/artista/levente-sulyok/. Acesso em: 8 jul. 2026.



Tree without a top, 2021

Pintura bordada à máquina e à mão em tecelagem húngara





Photograph 1, Photograph 2, 2026

Fotografia

FERNANDO POYÓN

Nascimento: San Juan Comalapa, Chimaltenango,Guatemala, em 1982

Vive e trabalha em: San Juan Comalapa, Chimaltenango,Guatemala.

Originário de um país onde a imigração é frequentemente consequência de pressões econômicas e da violência, Fernando Poyón elabora, por meio de sua fotografia, duas distintas alusões metafóricas à globalização: a primeira, um globo apresentado como uma lúdica bola anti stress que é, por sua vez, capturada e comprimida por uma braçadeira de cores vivas; a segunda, um mundo semelhante que, aparentemente, vivencia o seu próprio sepultamento. As obras de Poyón demonstram que a identidade e a imigração não são temas lúdicos camuflados por metáforas, mas sim realidades brutalmente vividas e experienciadas que fundamentam a vida contemporânea nas Américas.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).



Dis, 2013
Fotografia

JAVIER CALVO SANDÍ

Nascimento: Costa Rica, em 1981.

Vive e trabalha em: Costa Rica

"Dis" é uma fotoperformance na qual o corpo funciona como uma superfície para inscrição política e territorial. Utilizando um estêncil no formato do mapa da América Central, o artista provocou uma queimadura solar no próprio peito e documentou fotograficamente, dia após dia, o processo de transformação e desaparecimento da marca. A obra documenta a transição entre ferida, memória e reparação, revelando como a pele retém temporariamente os vestígios de violência e território. O desvanecimento progressivo da queimadura transforma o corpo em um registro vivo de fragilidade, identidade e apagamento.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).







Sem título, série de Notícias de América, 2011-2012

Fotografia digital

PAULO NAZARETH

Nascimento: Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil em 1977.

Vive e trabalha em: Santa Luzia, Minas Gerais, Brasil.

As fotografias de Paulo Nazareth aludem a um dos componentes fundamentais do ser e da identidade nas Américas: a migração e o deslocamento de um lugar para outro. À medida que a imigração se torna um dos temas mais politizados de nosso tempo, Nazareth reflete sobre o valor do indivíduo – seu trabalho, seu pensamento, sua história, seus sonhos e ambições. Esta série fotográfica captura diversas perspectivas do “eu”, desde visões ampliadas do corpo e o corpo em sua totalidade até o corpo em diálogo espacial com outros. Para Nazareth, a América não é uma proposta unilateral, mas sim uma série de pontos de vista e experiências em constante transformação.





ARYPY, 2015

Vídeo em loop

Com participação de Valmir Cabrera, a obra foi criada inicialmente como uma performance para a Bienal Internacional de Assunção inaugural, a obra “ARYPY”, de Paulo Nazareth em colaboração com Valmir Cabrera, consistiu na instalação temporária de um sofá bastante gasto na extremidade da pista do Aeroporto Internacional Silvio Pettirossi, em Assunção, Paraguai. Sincronizada com a chegada de um voo da GOL vindo de São Paulo, a ação mostra Nazareth sentado com um acompanhante enquanto o Boeing 737 aterrissa sobre suas cabeças, gerando um turbilhão de turbulência e ruído. Após o pouso, a calma retorna ao local enquanto Nazareth e seu amigo cantam uma canção em guarani sobre pássaros que voam no céu. A obra revela, de forma poética, as enormes diferenças de experiência, perspectiva e privilégio que o ato de “voar” pode evocar.

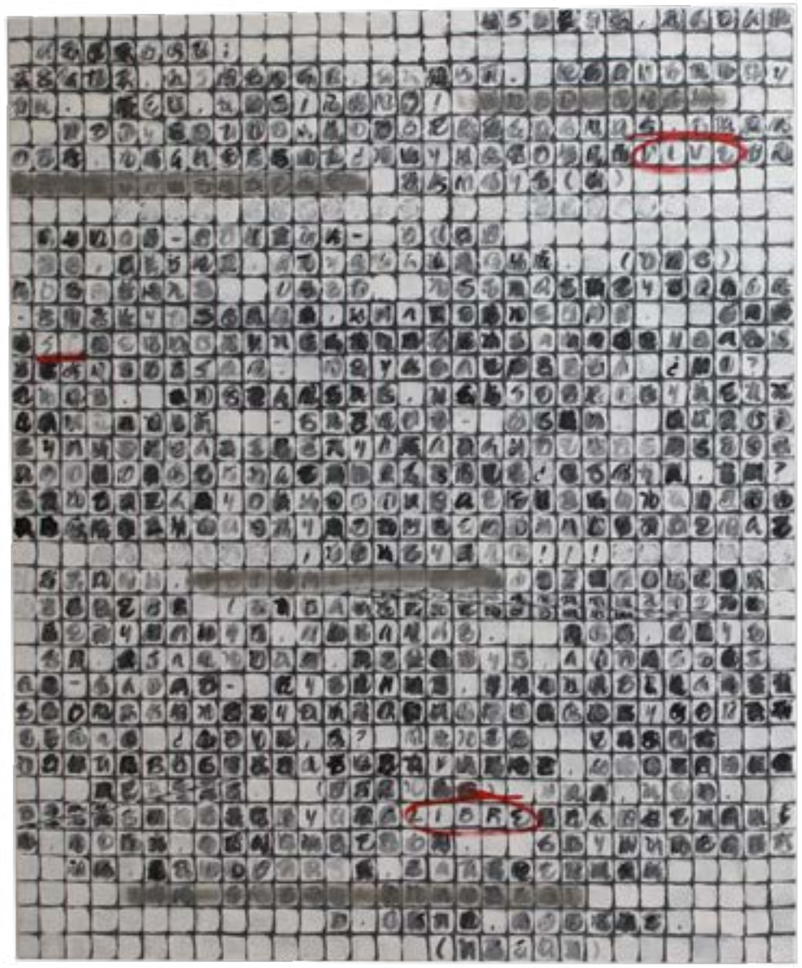
FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).

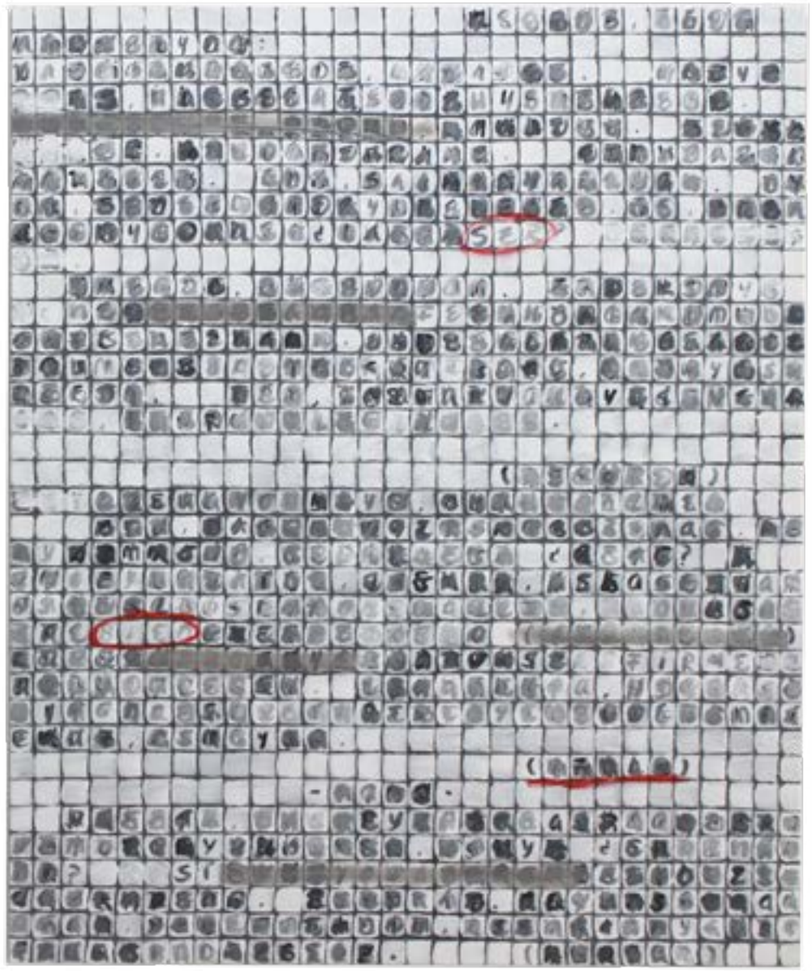
GLENDA SALAZAR

Nascimento: Holguín, Cuba, em 1982.

Vive e trabalha em: Havana, Cuba

Reflexões verdadeiras, honestas e autênticas sobre experiências vividas são frequentemente difíceis de articular, devido a diversas circunstâncias e condições. O medo, a fadiga e a ansiedade muitas vezes levam a reprimir sentimentos e a ocultar intenções. Estas obras de Glenda Salazar funcionam como momentos de articulação, retorno, reconsideração e rearticulação – um ciclo de expressão que, por fim, acaba tornando palavras e frases ininteligíveis.





Da série Pinturas em Silêncio (As palavras pequenas), s.d.

Pintura, 120 x 90 cm

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).

JASON SHULMAN

Nascimento: Londres, Inglaterra em 1963.

Vive e trabalha em: Londres, Inglaterra

As fotografias de Jason Shulman exibem cores, formas e padrões que são, ao mesmo tempo, inquietantes e fascinantes – tudo isso resultante do fato de o obturador de sua câmera permanecer aberto durante toda a exibição de um filme clássico. O que se vê como um mar de cromatismo, luz e presenças fantasmagóricas é, na verdade, uma representação bidimensional de uma obra baseada no tempo. A fotografia de Shulman camufla, de maneira eficaz, alguns dos momentos mais marcantes da história do cinema, revelando as cores e estruturas que deram forma a essas obras importantes.



2001: A Space Odyssey, s.d.

Fotografia digital

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).



The Rocky Horror Picture Show, s.d.
Fotografia digital



You’re a Good Man, Charlie Brown,
s.d.



Dumbo, s.d.
Fotografia digital



The Wizard of Oz, s.d.
Fotografia digital

FIDEL FERNÁNDEZ

Nascimento: San Juan Bautista del Ñeembucú, Ñeembucú, Paraguai, em 1984.

Vive e trabalha em: Cerrito, Presidente Hayes, Paraguai.

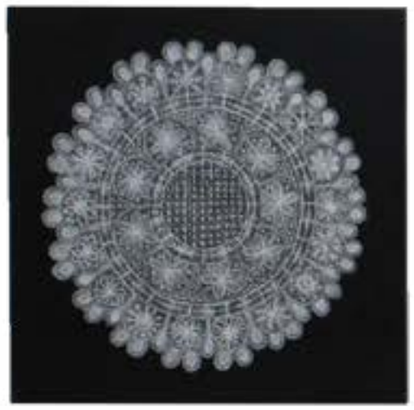
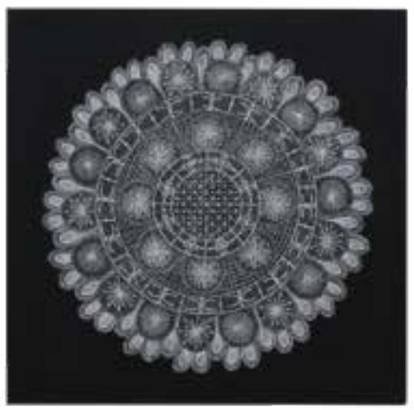
As pinturas distópicas de Fidel Fernández documentam absurdos, desafios e oportunidades associados ao cotidiano no Paraguai. Em sua obra criada especificamente para a Bienal de Curitiba de 2026, Fernández ilustra como a dedicação aos estudos e o avanço educacional são constantemente minados pelas realidades do desemprego e subemprego crônicos, da pobreza extrema e da corrupção política.

Embora se pudesse esperar que as bases caiadas da árvore a protegessem de pragas e doenças, o simbolismo de Fernández sugere uma forte divisão entre a educação e o mundo que ela busca melhorar e elevar.

Escuela Ñajyrã, da série Con la soja al cuello, s.d.
Óleo sobre tela, 170 x 215 cm



FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).



Ñanduti, 2025
Pinturas, 70 x 70 cm

LILIAN CAMELLI

Nascimento: Ypacaraí, Departamento Central, Paraguai, em 1958.

Vive e trabalha em: São Paulo

O ñandutí (que significa “teia de aranha” em guarani) consiste em obras têxteis complexas, frequentemente produzidas em formatos circulares e ovais, que refletem diversas técnicas de bordado inspiradas na flora paraguaia, como a flor de mburucuyá. A confecção de cada peça exige um mês ou mais de trabalho, caracterizando-se pela complexidade visual e pelas cores e formas radiantes. Lilian Camelli revisita o “ñandutí” ao desenhar minuciosamente esses padrões sobre tela – réplicas que remetem não apenas à complexidade de cada peça, mas também a um cenário em que as rendeiras do Paraguai estão desaparecendo rapidamente, à medida que a tecnologia começa a desafiar as tradições dessa forma de arte artesanal.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).

ALEJANDRO SÁNCHEZ

Nascimento: Bogotá, Colômbia, em 1981

Vive e trabalha em: Bogotá, Colômbia

Em um mundo cada vez mais globalizado, os navios de carga de Alejandro Sanchez – ancorados por tecnologias de televisores de tubo que remetem a um mundo menos interconectado e comercializado – parecem sobrecarregados e afundando em um mar de incertezas. Ao criar a ilusão de que as embarcações estão sendo engolidas pelo piso de concreto do museu, os navios fazem uma referência sutil às maneiras pelas quais os museus contribuem para – ou problematizam – os complexos sistemas de intercâmbio, valoração e visibilidade que constituem sintomas do nosso momento contemporâneo.



Videodrome, 2025
Instalação

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).

TAVIN DAVIS

Nascimento: Montana, Estados Unidos, em 1994

Vive e trabalha em: Chicago, Illinois, Estados Unidos

As pinturas de Tavin Davis integram um conjunto aparentemente díspar e desconexo de objetos e padrões (cabeças de cervo, tomates, flores e bordados) em um todo instável. Assim como um usuário de iPhone que percorre sequências de conteúdo sem filtros, Davis utiliza a bidimensionalidade como forma de “capturar a tela” e contemplar, por um período prolongado, presenças e influências fugazes. Suas obras articulam sentimentos tanto de pertencimento a um lugar quanto de ausência de lugar, em um mundo cada vez mais definido pelo digital e pelo efêmero.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).





All piled up, s.d.
Óleo sobre tela, 105 x 180 cm
Óleo sobre tela, 127 x 152 cm









ABEL BARROSO

Nascimento: Pinar del Río, Cuba, em 1971

Vive e trabalha em: Havana, Cuba

A obra de Abel Barroso capta a nítida desconexão entre um mundo cada vez mais mecanizado e orientado pela tecnologia e as realidades do cotidiano cubano, no qual essas tecnologias tão cobiçadas são inacessíveis ou se tornam problemáticas em virtude das severas dificuldades econômicas da ilha. Barroso supera as divisões entre o “ter” e o “não ter” ao fabricar novos tipos de mercadorias – expostas em embalagens tipo blister replicadas em madeira – e novos dispositivos tecnológicos que utilizam manivelas manuais, conectores entalhados à mão e telas sensíveis ao toque.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).





Suenõs a la venta, s.d.
Escultura em madeira, 30 x 22 x 5 cm

Telecracia, s.d.
Aquarela, 1 x 1 m



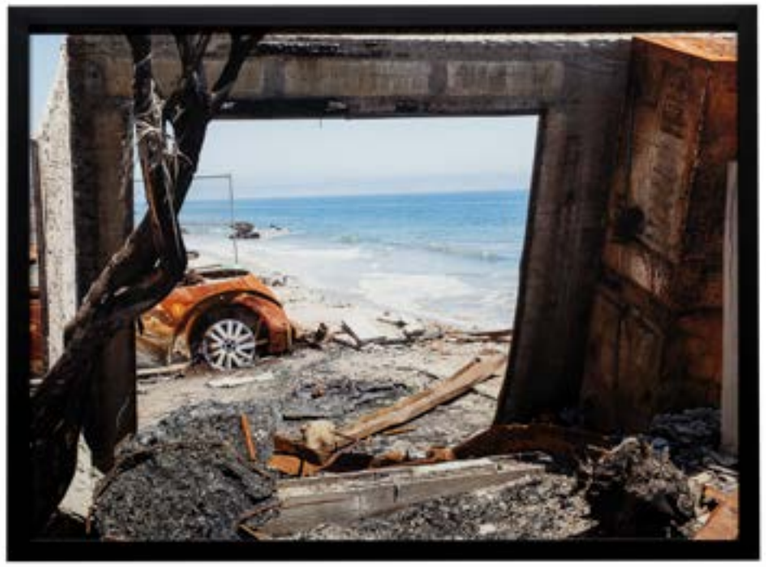
GONZALO GARCÍA

Nascimento: Bogotá, Colômbia, em 1981.

Vive e trabalha em: Bogotá, Colômbia

“Telecracia” investiga a construção do espetáculo político nos sistemas contemporâneos de mídia. A obra reúne retratos televisivos fragmentados organizados em uma estrutura esférica que remete à vigilância, à visão composta e à percepção algorítmica. Por meio da aquarela, Gonzalo García transforma imagens de televisão em uma reflexão sobre propaganda, circulação da informação e os mecanismos de mediação e repetição presentes na comunicação de massa.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).







Pacific Colonnade / Flesh Antique / Reframed, 2026

Fotografia

DANIEL HAN

Nascimento: Los Angeles, Califórnia, EUA, em 1989

Vive e trabalha em: Los Angeles, Califórnia, EUA

A obra investiga os limites entre permanência e desaparecimento após os incêndios de Los Angeles em 2025. A série reúne imagens de casas destruídas, estruturas arquitetônicas danificadas e um veículo carbonizado, examinando como a memória persiste diante do colapso material. Colunas clássicas, aço oxidado, molduras deformadas e paisagens costeiras operam como vestígios da instabilidade das construções humanas frente à transformação da paisagem.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).



Annunciate/Repudiate, s.d.
Pintura sobre tela 297 × 200 cm

RICKY ALLMAN

Nascimento: Provo, Utah – EUA, em 1978.

Vive e trabalha em: Cidade do Kansas, Missouri – EUA.

Criada especificamente para a Bienal de Curitiba, a série de pinturas de grande escala de Ricky Allman explora os choques entre história e possibilidade, entre o visível e o invisível, entre o visceral e o lógico. As perspectivas variadas da série “Plume” documentam uma erupção vulcânica vista de dentro, das imediações e de grande altitude em relação ao fenômeno natural, proporcionando ao espectador uma visão clara do impacto, da natureza e da dimensão do material expelido. Ironias visuais desconcertantes estendem-se à obra-prima de caráter quase arquitetônico de Allman, “Annunciate/Repudiate”, que retrata a criação como fruto da tensão, da oposição, da hipocrisia, do impulso e da retração, da expressão e do recolhimento, do segredo e da franqueza.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).







Painting 1, 2 e 3 (PLUME), s.d.
Pintura sobre tela 312 × 200 cm



Homenaje a Latinoamérica (Veladura) – Homenagem à América Latina (Véu), 2026

Vídeo em loop

REGINA JOSÉ GALINDO

Nascimento: Guatemala, em 1974

Vive e trabalha em: Guatemala

Como uma escultura italiana velada, jaz sob um pano embebido no sangue de mulheres e homens latino-americanos. Esta performance é uma resposta à obra Homenagem à América Latina, dos artistas italianos Scanavino e Cavaliere, criada para a 11.ª Bienal de São Paulo, em 1971. Em sua obra, os artistas incluíram 162 nomes de homens assassinados pelas ditaduras militares latino-americanas impostas pelos Estados Unidos.

A obra foi censurada. A performance homenageia a participação e as mortes de centenas de mulheres nos movimentos revolucionários daqueles anos e evoca as sangrentas intervenções dos EUA em países da América do Sul e Central entre as décadas de 1950 e 1990. Serve como um lembrete dos perigos de estratégias imperialistas como as atualmente empregadas por Israel e pelos Estados Unidos.

FONTE: GALINDO, Regina José. Home. Disponível em: https://www.reginajosegalindo.com/en/home-en/. Acesso em: 8 jul. 2026.

LEDANIA

Nascimento: Bogotá, Colômbia, em 1987

Vive e trabalha em: Bogotá, Colômbia

Conhecida principalmente por seus murais pintados com spray e intervenções em áreas urbanas ao redor do mundo, Ledania explora um processo muito mais preciso em colaboração com Cesar García, coordenando peças de acrílico recortadas especificamente e montadas como um quebra-cabeça. A figura semelhante a uma máscara colombiana, assim como o processo técnico, é uma aglomeração de influências culturais, ilustrando que a totalidade da imagem é composta por muitos elementos – referências a culturas, etnias e crenças.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).



Colombian Mask, 2026
Madeira e acrílico cortado a laser



1



2



3



4



5

BARTON LIDICÉ BENEŠ

Nascimento: Hackensack, Nova Jersey, EUA, 1942-2012

Barton Lidicé Beneš é mais conhecido por sua criação de wunderkammern contemporâneas, ou “gabinetes de curiosidades”, contendo objetos e materiais do cotidiano, frequentemente ligados à cultura popular e ao mundo das celebridades.

Através do uso de pedaços autênticos das gravatas características de Mark Rothko, água da piscina de Dick van Dyke, madeira da casa de O.J. Simpson na Califórnia ou cinzas de um amigo que morreu de complicações da AIDS, Beneš nos lembra que os mundos da fetichização de objetos e os cultos às celebridades desempenham um papel importante em como nos identificamos e compreendemos os outros.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).

[1]**Ratoeira do Mickey,** 2002

Técnica mista

[2]**Fragmento de gravata de Mark Rothko,** 2011

Técnica mista

[3]**Aquarela feita com água da piscina de Dick van Dyke,** 1999

Técnica mista

[4]**Madeira usada na construção da casa de O.J. Simpson, localizada no número 360 da Rockingham Street, em Brentwood, Califórnia, que foi demolida em 29 de julho de 1998,** 2000

Técnica mista

[5]**Para Brenda,** s.d.

Fita metálica coberta com as cinzas humanas da amiga do artista, Brenda



Ialuna 0.2, 2022
Fotografia e vídeo



JAVIER VANEGAS

Nascimento: Costa Rica, em 1981.

Vive e trabalha em: Costa Rica

"Aluna 2.0" reflete sobre as transformações da cosmogonia Kogui a partir do uso de dispositivos móveis e da incorporação da Web 2.0 aos seus sistemas de crença. Desenvolvido na Sierra Nevada de Santa Marta, o projeto aborda a reconfiguração de formas de autorrepresentação e percepção da natureza. O trabalho busca restaurar o valor simbólico do Jañú (folha de coca), planta sagrada dos povos Kogui e Arhuaco, e contribuir para a reconstrução da memória histórica e do tecido social ancestral.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).

MABILÓN JIMÉNEZ

Nascimento: Ayacucho, Peru, em 1970

Vive e trabalha em: Ayacucho, Peru

Mabilón Jiménez vem de uma família de renomados artesãos de retábulos da região de Ayacucho, no Peru. Embora outrora intimamente ligado à devoção religiosa e a temas puramente sagrados, o retábulo hoje representa uma forma de fusão cultural: uma mistura de tradições e costumes pós-coloniais que, ao mesmo tempo que reconhece o passado, dá maior visibilidade às cores, práticas, lugares e objetos associados ao cotidiano peruano contemporâneo. Jiménez é um dos artesãos de retábulos mais prolíficos do mundo, trabalhando ao lado de sua esposa, Gladys Sairitupac, e seus filhos, Leonardo e Jair Jiménez, que o auxiliam na confecção das figuras detalhadas e das cenas que as circundam; peças feitas inteiramente de massa de batata, posteriormente pintadas e envernizadas.

Retablos ayacuchanos, s.d.
madeira, tinta, verniz

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição (texto de parede).




LOVE

[1]**Oso hormiguero,** 2024
Escultura cerâmica, 58.5 x 29 x 30 cm

[2]**Rana con boca abierta**, 2024
Escultura cerâmica, 35 x 25 x 28.3 cm

[3]**Cantaro,** 1999
Escultura cerâmica, 55 x 43 x 50 cm

JULIA ISIDREZ

Nascimento: Itá, departamento Central, Paraguai, em 1967

Vive e trabalha em: Itá, departamento Central, Paraguai

As obras de Isidrez concentram-se numa padronagem de figuras que vão além dos cântaros e vasilhas, incorporando reproduções de animais característicos de sua região. Suas peças, com variadas protuberâncias e concavidades caprichosas, transformam e alteram os aspectos típicos dos animais retratados, trazendo todo um vocabulário visual que desvela a história da artista, muito motivada pela sua mãe, e que tanto influencia os ceramistas de sua região. Todo o trabalho é realizado com colaboração de familiares e parceiros que trabalham junto à artista na Casa Museo Arte en Barro: Julia Isidrez y Juana Marta Rodas, espaço onde leciona e cria suas peças.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição.

1



2



3



TONI GRATON

Nascimento: Curitiba, em 1992

Vive e trabalha em: Curitiba

As obras em cerâmica de Toni Graton demonstram uma integração de diversos diálogos e discursos hegemônicos, nos quais gêneros, sexualidades, iconografias e grandes narrativas são articulados e subvertidos de variadas formas pela ousadia e pela insistência de cada um deles. Remetendo às múltiplas presenças de monstros e espíritos etéreos nas obras de Hieronymus Bosch, os trabalhos de Graton valem-se, de modo semelhante, de micronarrativas concorrentes para demonstrar como crenças e interesses diversos moldam a vitalidade do mundo contemporâneo.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição.



A onda, 2023
Cerâmica esmaltada



O ínicio, 2021-2025
Cerâmica esmaltada





BILL BURNS

Nascimento: Califórnia, EUA, em 1974

Vive e trabalha em: Nova York, EUA

Segundo o artista, seus pequenos desenhos e outras pequenas esculturas em papel evocam uma oscilação entre o industrialismo avançado e o mundo selvagem. Em um mundo marcado pela expansão do comércio, pela inteligência artificial e por economias globalizadas, Burns mapeia movimentos e migrações – tanto naturais quanto construídos – que influenciam a maneira como percebemos fronteiras, identidade e pertencimento. O uso de elementos como fogo, água, escuridão e luz estabelece os pontos de conexão entre os mundos mecânico e natural.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição.



The milk, the salt, the dreams, the lament, the tears, and the honey – O leite, o sal, os sonhos, o lamento, as lágrimas e o mel, 2022-2026.

Instalação com técnica mista

Cuarto de Pomba Gira de Pai Alberto Tata, 2007

Fotografia

GUILLERMO SRODEK-HART

Nascimento: Buenos Aires, Argentina, em 1977

Vive e trabalha em: Buenos Aires, Argentina

Os templos de umbanda e os quartos de Exu aparecem aqui como espaços de intensidade simbólica onde convivem memória, desejo e espiritualidade. Fotografados na Argentina e no Uruguai, esses interiores revelam formas de sincretismo e resistência cultural que sobrevivem às margens. Mais do que documentar rituais, as imagens buscam aproximar-se da atmosfera material e emocional desses lugares: arquiteturas de fé onde o cotidiano e o sagrado, o visível e o invisível coexistem em permanente transformação.

FONTE: SMITH, Royce W. Camuflagens. In: 16.ª BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA, 2026, Curitiba. Limiares. Curitiba: MAC-PR, 2026. Etiqueta de exposição.





Cuarto de Exú – Centro Espírita de Religión Africana Ogún Iansá, 2007
Fotografia

atividades

COMO INICIAR A DISCUSSÃO DESSA EXPOSIÇÃO?

As obras e os artistas desta exposição podem ser abordados de diversas maneiras, de acordo com a dinâmica pedagógica e a faixa etária dos educandos. No entanto, antes de se aprofundar nas obras ou nos artistas, é fundamental que os alunos tenham acesso a alguns conceitos e experiências que possibilitem um maior entendimento sobre o tema. Permita-me citar um trecho do livro “Com-junto: Subsídios ao Educador na Mediação do Encontro da Criança com a Arte”, de Luciano Buchmann:

> “Nosso trabalho busca permitir que o estudante compreenda as obras em sua totalidade, não apenas a superfície que transparece ao seu olhar, mas também as camadas internas dessa profundidade simbólica.”

Com essa reflexão em mente, podemos afirmar que o trabalho do educador museal e do educador escolar devem estar entrelaçados para que seja possível vivenciar a produção cultural à qual os estudantes têm direito, já que fazem parte dela. Proporcionar uma base sólida para que os estudantes tenham a possibilidade de autonomia na interpretação é garantir que não se alienem no estudo artístico. A partir do momento em que as crianças passam a frequentar esses espaços, elas precisam se sentir pertencentes e conhecedoras do conteúdo. Caso contrário, é possível que se sintam desconfortáveis e deslocadas, principalmente em relação à arte contemporânea, que apresenta conteúdos diversos. Trabalhada de maneira adequada, a arte contemporânea pode oferecer um universo novo de possibilidades e visões de mundo.

Para que isso seja possível, é fundamental que os conteúdos estejam bem estruturados. As crianças devem entender, antes de entrar em contato com o conteúdo, perguntas essenciais como: O que é arte contemporânea? Quem a produz? Quando e por que essas pessoas estão produzindo isso? Onde podemos encontrar essas obras, em um museu? O que é um museu? O que é um museu de arte contemporânea? Sei que isso pode parecer um volume grande de informações, mas tudo pode ser trabalhado de forma leve, por meio de dinâmicas e atividades.

A partir daí, os alunos poderão começar a refletir sobre a exposição, buscando entender sua visão sobre as obras. Por que elas estão dentro de um museu de arte contemporânea? Nesse contexto, também é muito importante que eles tenham a oportunidade de visitar o museu. A projeção de uma obra não pode substituir a experiência direta com ela. O confronto com a obra no espaço físico traz novas camadas de conhecimento. Trata-se de uma experiência que, agora, coloca a criança como parte do circuito cultural da arte contemporânea, com o museu funcionando como uma confirmação de que os estudos realizados em sala de aula estão ativos, permitindo que eles coloquem à prova tudo o que aprenderam.

PRIMEIROS CONTATOS

Como proposta inicial, sugerimos a apresentação dos temas da exposição e da arte contemporânea, apresentando imagens, vídeos e livros conectados ao conteúdo e fomentando questionamentos como:

- O que é arte contemporânea?
- Quem são os artistas que estão presentes no Museu de Arte Contemporânea?
- Existe arte contemporânea no estado do Paraná?

Nessa primeira dinâmica propomos uma introdução a arte contemporânea através da construção coletiva de uma linha do tempo com alguns marcos dentro desse circuito artístico e cultural.

Para realizar essa atividade a(o) docente deve escolher imagens e vídeos abordando movimentos artísticos contemporâneos relevantes e solicitar para a turma que as organizem cronologicamente onde acharem que se encaixa, após isso conduzir uma conversa para tentar entender o raciocínio dos alunos e com isso explicar os movimentos artísticos (contexto, artistas principais e desdobramentos).

Como segunda proposta, buscamos demonstrar o que é um acervo e como ele é composto através da proposição de um acervo da turma, já que é um dos assuntos fundamentais para entender essa e outras exposições de acervo. Para essa dinâmica o educador deve solicitar aos alunos objetos pessoais ou representações deles, podendo ser abstratas ou figurativas, após reunir esses objetos o docente deve instigar a turma a achar um ponto em comum formando categorias entre esses objetos. Desse modo o professor pode introduzir gradualmente o que é o acervo ao longo dos apontamentos dos alunos:

ACERVO – A palavra acervo significa conjunto de objetos, obras ou documentos que pertencem a uma pessoa, instituição, organização ou local, ou seja, **é coleção organizada de itens que têm algum valor ou importância.**

Um acervo geralmente pertence a uma instituição, como:

- **Uma biblioteca:** o acervo de uma biblioteca é a sua coleção de livros, revistas, jornais, mapas etc.
- **Um museu:** o acervo de um museu é a sua coleção de obras de arte, objetos históricos, artefatos culturais etc.
- **Um arquivo:** o acervo de um arquivo é a sua coleção de documentos, cartas, fotografias, vídeos, gravações etc., que registram informações importantes.

POSSIBILIDADES DE ATIVIDADES

1. ATIVIDADE DE CURADORIA:

Tempo estimado: 2 aulas (50 min)

Nesta atividade, busca-se trabalhar o conceito de curadoria para compreender o trabalho de Royce W. Smith. Nesse contexto, sugerimos uma atividade de curadoria coletiva com os trabalhos da turma.

1 – No início da aula será organizada uma roda de conversa para entender o que os estudantes sabem sobre o funcionamento de uma exposição: como são escolhidos os artistas, quem organiza os trabalhos dos artistas, por que uma exposição tem uma certa configuração e de que maneira a organização espacial das obras pode interferir na leitura de imagens. Com a mediação do professor, será apresentada a função de um curador.

O que o curador faz?

1. **Seleciona:** ele escolhe as obras mais relevantes em relação ao tema da exposição.
2. **Organiza:** ele define a disposição das obras no espaço para construir uma narrativa visual coerente ao público. Essa organização pode se dar por núcleos temáticos, onde a relação entre as obras e o conceito prevalece sobre a técnica.
3. **Interpreta:** ele pesquisa sobre as obras, os artistas e o contexto histórico, fornecendo informações e explicações para que o público entenda e aprecie melhor o que está vendo.

2 – Após essa discussão introdutória, os alunos deverão apresentar os trabalhos realizados no decorrer das aulas, e a turma deve analisá-los de modo crítico, refletindo sobre como selecionar e organizar essas produções em uma exposição coletiva. Cada grupo deverá desenvolver um projeto expositivo a ser apresentado, justificando suas escolhas para a turma: por que essa disposição específica? Há núcleos? Quais critérios foram utilizados para a escolha desses trabalhos?.

3 – Caso haja o desejo de aprofundar o tema de curadoria, é possível que os grupos elaborem textos de crítica curatorial sobre cada projeto apresentado. Para isso, o professor poderá apresentar alguns exemplos de artigos críticos, muitos deles publicados em jornais e revistas especializadas (sugerimos as críticas de Adalice Araújo).

Materiais sugeridos:

- Cartolinas para confecção do projeto;
- Riscantes;
- Papel sulfite.

Objetivos contemplados pela atividade:

Ensino Fundamental:

- Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético;
- Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.);
- Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais;
- Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais.

Ensino Médio:

- Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade;
- Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas;
- Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

Desdobramentos

Realizar uma exposição da turma de acordo com o projeto acordado pela turma. Podendo manter a prática aos finais de bimestres, trimestres, semestres ou ano.

2. ATIVIDADE DE DESENHO-PALIMPSESTO:

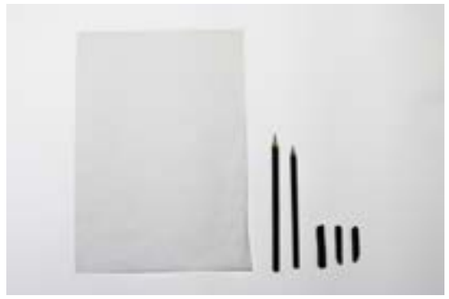
Tempo estimado: 1 aula (50 min)

A partir da exposição Camuflagens, os participantes serão convidados a refletir sobre a ideia de esconder, revelar e sobrepor imagens. Inspirados nas fotografias de longa exposição de Jason Shulman, nas quais um filme inteiro é condensado em uma única imagem, os estudantes produzirão desenhos em folhas de papel manteiga.

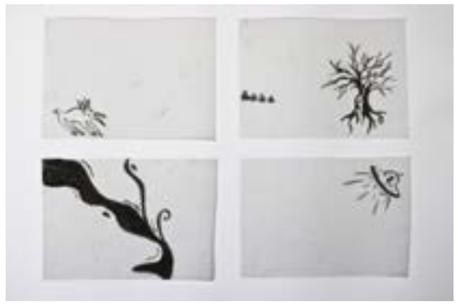
Cada folha representará uma camada da imagem (personagens, objetos, paisagens, gestos, texturas etc.). Ao final, todas as folhas serão sobrepostas, formando uma única composição construída pelas transparências, sombras e vestígios deixados pelas camadas anteriores.

O resultado evidencia como uma imagem pode conter diversos tempos, memórias e narrativas simultaneamente.

1 – Cada aluno deve pegar uma folha de papel vegetal.



2 – Os alunos devem fazer um desenho utilizando carvão sobre o papel vegetal.



3 – Finalizando os desenhos, todos devem ser sobrepostos a fim de criar uma única composição com os rastros de todos os desenhos. Também é possível alternar as camadas e ver as diferentes combinações possíveis.



A atividade

Materiais sugeridos:

- Papel vegetal (ou manteiga);
- Bastões de carvão para desenho;

Objetivos contemplados pela atividade:

Ensino Fundamental:

- Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.);
- Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais;
- Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade;
- Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

Ensino Médio:

- Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas;
- Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos;
- Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

ATIVIDADE MULTICULTURALISMO ATRAVÉS DE MÁSCARAS

Tempo estimado: 3 aulas (150 min)

Na sala “Camuflagens”, a obra de Ledania nos convida a pensar sobre o que mostramos e o que escondemos. Suas máscaras e murais misturam mitologia indígena colombiana com a arte urbana contemporânea.

Ao propor que os estudantes pesquisem e criem máscaras baseadas em diferentes culturas das Américas (sejam as tradições andinas, a riqueza do folclore amazônico, as cores do Dia de los Muertos mexicano ou o Maracatu brasileiro), nós os provocamos a olhar para a multiculturalidade. A máscara deixa de ser apenas um disfarce e passa a ser um portal de conexão histórica: um ponto de encontro entre o ancestral e o contemporâneo, revelando a pluralidade cultural que forma a nossa própria identidade americana.

1– Apresente a obra de Ledania e discuta o conceito de camuflagem e representação visual. Divida a turma em grupos ou trabalhe individualmente. Cada estudante escolhe uma região ou país das Américas para pesquisar.

Pesquisa direcionada: Eles devem buscar elementos do folclore, fauna, flora ou festas tradicionais da região escolhida (ex: o Jaguar na cultura Maia, o Boi-Bumbá no Brasil, o Condor nos Andes).

Prática: Desenho do esboço (projeto) da máscara em papel sulfite, definindo as cores fortes e traços geométricos inspirados no estilo da artista.



2 – Hora de dar volume e forma ao projeto bidimensional da primeira aula.

Usando papelão ou pratos de papel como base estrutural, os estudantes começam a recortar e montar a máscara.

Eles podem colar relevos (sobras de papelão, caixas de ovos ou papel amassado com fita crepe) para criar texturas tridimensionais nas sobrancelhas, nariz ou adornos da cabeça, mimetizando a sobreposição e a volumetria das obras de Ledania.



3 – Aplicação da identidade visual marcante de Ledania: linhas pretas grossas para contorno, formas geométricas internas e cores extremamente saturadas ou fluorescentes.





Pintura da máscara com guache ou acrílica. Adição de elementos extras (penas de papel, fitas, barbantes).

Finalização: Uma breve “partilha estética”, onde cada aluno apresenta sua máscara, explicando qual país/região das Américas investigou e quais elementos culturais e folclóricos camuflou em sua criação.



Materiais sugeridos:

- Papelão grosso (caixas de descarte) ou pratos de papel descartáveis (para a base);
- Papel colorido, cartolinas ou papel sulfite para esboços;
- Tintas guache ou acrílica em cores vibrantes (azul, rosa, amarelo, verde, roxo) e pincéis;
- Canetas hidrocor pretas de ponta grossa ou marcadores;
- Tesoura e cola branca (ou cola quente, com supervisão);
- Elementos complementares: barbantes, fitas de cetim ou retalhos de tecido.

Objetivos contemplados pela atividade:

Ensino Fundamental:

- Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço.
- Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.
- Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).

Ensino Médio:

- Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de negociação e legitimação dos novos saberes e identidades, de modo a preservar e fomentar o diálogo multicultural.
- Avaliar e exercer a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

visite o mac paraná

para sua turma

Ingressos / R$ 36 (inteira) e R$ 18 (meia-entrada)

As instituições públicas de ensino têm isenção do valor do ingresso mediante agendamento com o Setor Educativo do MAC Paraná.

Quartas-feiras são gratuitas para o público em geral. Realizamos visitas mediadas com agendamento prévio.

Marque uma visita mediada conosco, através do formulário de agendamento AQUI

Mais informações através do nosso e-mail: educativomac@seec.pr.gov.br ou do telefone/whatsapp (41) 3323-5265

siga o mac paraná

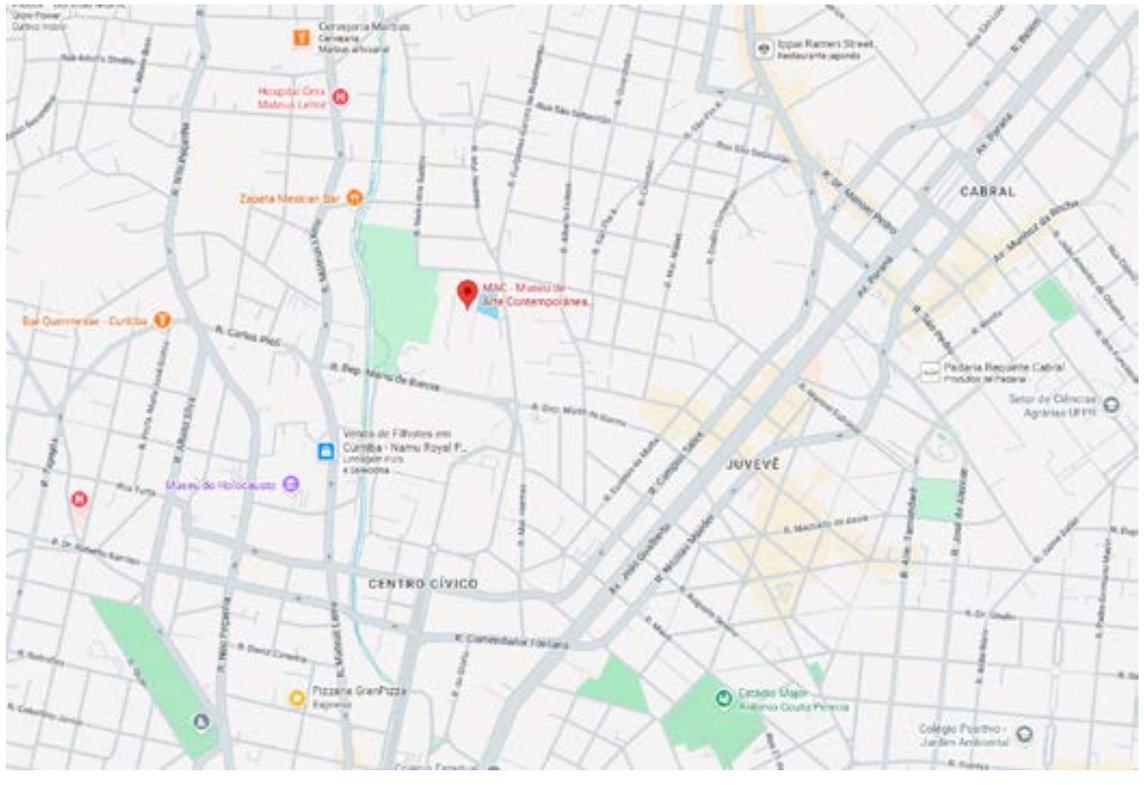
mac.pr.gov.br

macparana

mac_parana

mac_parana

como chegar ao MAC no MON?



Rua Marechal Hermes, 999 - Centro Cívico, Curitiba - PR

Linhas de ônibus com pontos de parada próximos ao MAC Paraná

- **ESTAÇÃO TUBO (ASSEMBLEIA)**
  Rua Prefeito Rosalvo G. Mello Leitão
  Fazendinha/Tamandaré
  Aeroporto

- **ESTAÇÃO TUBO (PALÁCIO IGUAÇU)**
  Rua Cândido de Abreu
  Fazendinha/Tamandaré
  Aeroporto
  Inter II (sentido anti-horário)
  Boqueirão/Centro Cívico

- **ESTAÇÃO TUBO MUSEU OSCAR NIEMEYER**
  Rua Marechal Hermes
  Boqueirão/Centro Cívico

- **PONTO R. MARECHAL HERMES**
  Ahú/Los Angeles
  Marechal Hermes/Santa Efigênia
  Interbairros I (sentido horário)

- **PONTO R. MANOEL EUFRÁSIO**
  Interbairros I (sentido anti-horário)
  Inter II (sentido horário)
  Boqueirão/Centro Cívico

LINHA TURISMO

Uma linha de ônibus especial que circula nos principais pontos turísticos de Curitiba, com ponto de parada em frente ao MAC no MON.

A Linha Turismo circula a cada 30 minutos, percorrendo aproximadamente 45 km em cerca de 2h30. Com aquisição do cartão no valor de R$ 50,00 você tem embarques ilimitados em todos os atrativos do percurso pelo período de 24 horas. O visitante poderá desembarcar e desfrutar do local que escolher, reembarcando no próximo ônibus. O serviço opera regularmente todos os dias, a partir das 8h30 horas até às 17h30, com saída inicial na Rua 24 Horas, no centro da cidade. No entanto o passeio pode ser iniciado em qualquer ponto; os cartões são vendidos diretamente nos ônibus.

como chegar à Sede Adalice Araújo



Rua Ébano Pereira, 240 - Centro, Curitiba - PR.
Situada no hall da Secretaria de Estado da Cultura, próximo à Praça Tiradentes.

Linhas de ônibus com pontos de parada próximos à Sede Adalice Araújo

- BAIRRO ALTO / SANTA FELICIDADE
- STA FELICIDADE / PRAÇA TIRADENTES
- PINHAIS / CAMPO COMPRIDO
- MAD. ABRANCHES
- CABRAL / OSÓRIO
- AHÚ / LOS ANGELES
- NOSSA SENHORA DE NAZARÉ
- ITUPAVA / HOSPITAL MILITAR
- DETRAN / VICENTE MACHADO
- MANOEL RIBAS
- CANAL DA MÚSICA / VISTA ALEGRE
- ALCIDES MUNHOZ / J. BOTÂNICO
- SÃO BERNARDO
- JÚLIO GRAF
- CIC / CABRAL
- COLOMBO / CIC
- MATEUS LEME
- ABRANCHES
- BIGORRILHO
- SAVÓIA
- JD. ESPLANADA
- SÃO BRAZ

ficha técnica

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA |
GOVERNO DO PARANÁ

Governador do Estado do Paraná
Carlos Massa Ratinho Junior

Vice-governador do Estado do Paraná
Darci Piana

Secretária de Estado da Cultura
Luciana Casagrande Pereira

Diretora-geral da Secretaria de Estado da Cultura
Elietti de Souza Vilela

Coordenador do Sistema Estadual de Museus
Cauê Donato

Coordenadora de Comunicação
Amanda Renaly

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DO PARANÁ

Diretora
Juliane Fuganti

Setor Administrativo
Bruna Yumi Kimura

Coordenadora do Setor de Acervo
Joanes Barauna

Coordenadora do Centro de Pesquisa e Documentação
Crislene Bueno de Carvalho Galdino

Coordenadora do Setor Educativo
Kamila Kuromiya

Estagiários
Brenda Fernanda Alves Santos
Maria Eduarda Gimenez Machado
Eliesa Naomi Nakano
Gabriel Rodrigo Santos
Sandra Regina Bernardi Pereira Medeiros
Eliellen Nogueira Ribeiro Pinto
Julia Arana Rocha

2026

período expositivo

de 14/06/2026

a 15/11/2026

Pesquisa e redação deste material
Setor Educativo MAC-PR
Kamila Kuromiya
Maria Eduarda Gimenez Machado
Brenda Fernanda Alves Santos

Fotografia
Kraw Penas
Anderson Tozato
Kamila Kuromiya
Maria Eduarda Gimenez Machado

Revisão
Alessandro Manoel

Projeto Gráfico
Barbara Haro

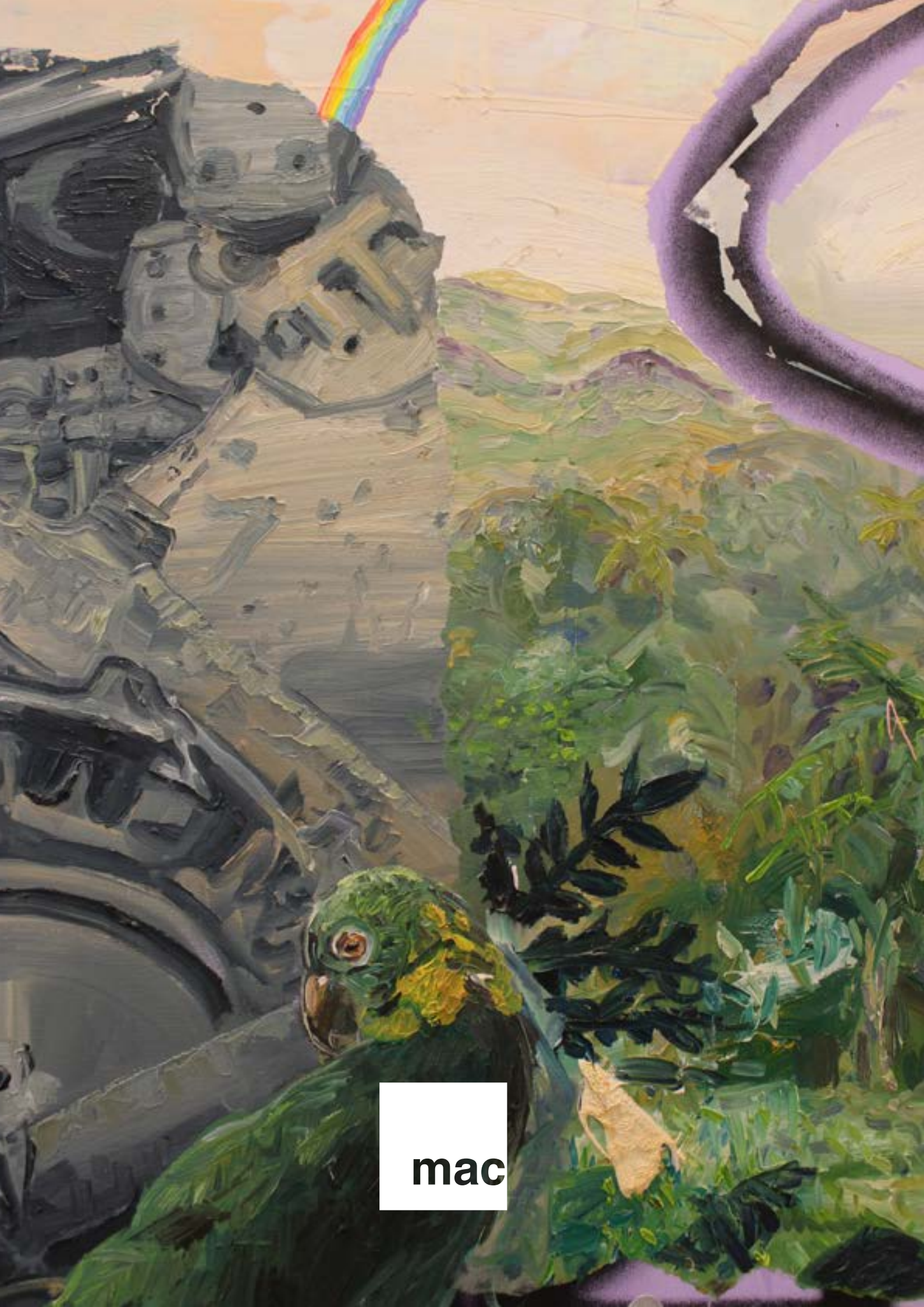
Design Gráfico
Paloma Machado Martin

O MAC-PR está em reforma. Durante o período de restauro da sede, inaugurada em 1970, estamos funcionando no MON, com programação nas salas 8 e 9.

Museu de Arte Contemporânea do Paraná
Rua Marechal Hermes, 999 I Centro Cívico, Curitiba/PR

Visitação
Terça-feira a domingo, das 10h ás 18h
Entrada gratuita toda quarta-feira e no último domingo do mês.

apoio
MON.
mac MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ


mac